

No amor e no
K-pop, vale tudo...

Shinee

Uma chance
de brilhar

JESSICA JUNG



Copyright © 2020 Jessica Jung e Glasstown Entertainment
Publicado originalmente nos Estados Unidos por BFYR, um selo de Simon &
Schuster Children's Publishing Division, Nova York, NY

TÍTULO ORIGINAL

Shine

REVISÃO

Marcela Ramos

REVISÃO TÉCNICA

Carolina Aguiar

IMAGEM DE SOBRECAPA

Junno Sena

DESIGN DE SOBRECAPA

Antonio Rhoden

ARTE DE CAPA

Sarah Creech

© 2020 Simon & Schuster, Inc.

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Antonio Rhoden

REVISÃO DE E-BOOK

Maíra Pereira

GERAÇÃO DE E-BOOK

Joana De Conti

E-ISBN

978-65-5560-051-3

Edição digital: 2020

1ª edição

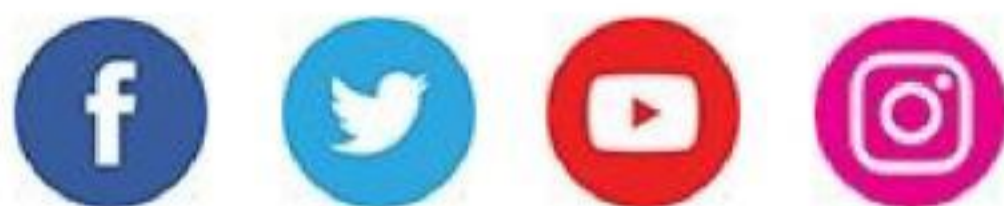
Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3ª andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

SUMÁRIO

[\[Avançar para o início do texto\]](#)

Sobrecapa
Capa original
Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais
Dedicatória

Um
Dois
Três
Quatro
Cinco
Seis
Sete
Oito
Nove
Dez
Onze
Doze
Treze
Catorze
Quinze
Dezesseis
Dezessete
Dezoito
Dezenove
Vinte

Vinte e um
Vinte e dois
Vinte e três
Vinte e quatro
Vinte e cinco
Vinte e seis
Vinte e sete

Agradecimentos
Sobre a autora
Leia também

Para minhas Golden Stars



Cabeça erguida, pernas cruzadas. Barriga para dentro, coluna ereta. Sorria como se o mundo inteiro fosse seu melhor amigo. Repito o mantra na mente enquanto a câmera foca em meu rosto. Os cantos dos meus lábios pintados com gloss cor-de-rosa se erguem em um sorriso perfeito e doce que faz você querer me contar todos os seus segredos.

Mas é melhor não contar. Sabe como dizem que a única forma de três pessoas guardarem um segredo é se duas estiverem mortas? Bem, essa é a mais pura verdade no meu mundo, onde todos estão sempre observando e segredos podem matar. Ou, pelo menos, podem matar a sua chance de brilhar.

* * *

— Meninas, vocês devem estar tão animadas!

O entrevistador é um homem de meia-idade, com cabelo preto oleoso penteado para trás e pele pálida. Ele poderia ser bonito, se não fosse a combinação de gravata de seda rosa-choque e camisa vermelha que tira a atenção de qualquer um. Ele se inclina, ávido, os olhos brilhando para as nove meninas sentadas à sua frente, um mar de cabelos perfeitamente ondulados e rostos impecáveis graças a anos de clareamento com máscaras faciais, todas coreografadas até os mínimos detalhes, do ângulo das pernas elegantemente cruzadas até os stiletos em ordem decrescente de cores em tons pastel.

— Atingiram o primeiro lugar em todas as paradas, e com o MV

de estreia, ainda por cima! Só falta um resultado para o All-Kill! Como vocês se sentem com o sucesso do vídeo?

— Não poderíamos estar mais felizes — responde Mina, animada, abrindo um sorriso que deixa à mostra seus dentes perfeitos.

Os músculos do meu rosto doem ao imitá-la.

— É a realização de um sonho — concorda Eunji, antes de estourar uma imensa bola de chiclete sabor morango.

— Somos muito gratas pela oportunidade de fazer isso juntas — comenta Lizzie, as camadas de sombra prateada reluzindo.

Os olhos do entrevistador se iluminam, e ele pergunta em tom de confiança:

— Então vocês todas se dão bem? Quer dizer, nove meninas deslumbrantes no mesmo grupo. Não deve ser sempre fácil.

Sumin dá uma risadinha descontraída, franzindo os lábios vermelhos bem delineados.

— Nada é “sempre fácil”. Mas nós somos uma família. E família sempre vem em primeiro lugar. — Ela passa o braço pelo de Lizzie, sentada ao seu lado. — Temos que ficar juntas.

O entrevistador leva a mão ao coração.

— Que gracinha. E do que vocês mais gostam em trabalhar juntas? — Seu olhar percorre o grupo lentamente, parando em mim. — Rachel?

Na mesma hora me viro para a câmera imensa atrás dele. Sinto a lente dando zoom em mim. *Cabeça erguida, pernas cruzadas. Barriga para dentro, coluna ereta.* Eu me preparei durante anos para este momento. Abro um grande sorriso, como se o entrevistador fosse meu melhor amigo. Mas me dá um branco.

Fale alguma coisa, Rachel. Qualquer coisa. Este é o momento pelo qual você tanto esperou. Minhas mãos começam a suar, e sinto as outras meninas cada vez mais tensas quando meu silêncio toma conta do

estúdio. A câmera parece um holofote. Sinto a pele arder e pinicar. E minha boca fica tão seca que é quase impossível falar.

Finalmente, o entrevistador suspira, com pena de mim.

— Vocês passaram por tanta coisa, treinando juntas por seis anos antes de estreiar! Essa experiência foi tudo que você esperava? — Ele sorri, me ajudando com uma pergunta fácil.

— Foi — consigo responder, com um sorriso meio congelado.

O entrevistador continua:

— Então me conte um pouco mais sobre como era sua vida enquanto treinava para a grande estreia do grupo. Qual era sua parte favorita de morar na casa das trainees?

Seco as mãos discretamente no banco de couro enquanto minha cabeça gira em busca de uma resposta. Por fim, uma ideia surge.

— O que mais poderia ser? — digo, erguendo a mão e agitando os dedos com manicure perfeita de um jeito esquisito para a câmera. Minhas unhas estão pintadas de branco com listras cor de lavanda. — Oito meninas para fazer suas unhas. Era como viver em um salão de beleza vinte e quatro horas!

Ai, meu Deus. Qual é meu problema? Eu realmente acabei de dizer que minha parte favorita do treinamento era ter oito meninas para serem minhas manicures de graça?

Para minha sorte, a risada do entrevistador ecoa pelo estúdio, e sinto o alívio tomar meu corpo. *Certo, eu consigo.* Dou uma risadinha, e as outras meninas se juntam a nós. Então ele abre um sorriso sebo para mim. *Ops.*

— Rachel, você está recebendo muitos elogios como vocalista principal. Acha que seu talento inspira as outras meninas a se esforçarem mais?

Fico corada na hora, e coloco as mãos no rosto para esconder as bochechas vermelhas. Minha cabeça começa a girar de novo. Já

pratiquei essas perguntas mil vezes, mas sempre que estou na frente das câmeras, fico paralisada. As luzes, os entrevistadores, os milhões de pessoas me assistindo. Parece que meu cérebro se desconecta do corpo, e nenhuma hora de treino ou preparo consegue fazer os dois se unirem. Sinto um nó do tamanho de uma bola de golfe na garganta e percebo que o sorriso do entrevistador está ficando cada vez mais tenso. *Merda. Faz quanto tempo que ele está esperando minha resposta?* Rapidamente, digo:

— Quer dizer, sim, eu sou talentosa. — Pelo canto do olho, percebo Lizzie e Sumin se entreolharem, as sobrancelhas erguidas. *Merda.* — Não que eu seja a *mais* talentosa. Quer dizer, bem, o grupo... Todas as meninas. Todas nós...

— Acho que o que Rachel está tentando dizer é que todas nós amamos nosso trabalho e nos inspiramos todos os dias — intervém Mina, com naturalidade. — Falando como dançarina principal do grupo, sei que aprendi muito com o meu pai sobre a importância de se dedicar arduamente a algo...

Ela é interrompida pelo toque agudo da campainha saindo dos alto-falantes. As câmeras desligam e o sorriso do entrevistador desaparece. Ele tira o paletó lentamente, revelando enormes manchas de suor debaixo dos braços, escurecendo a camisa de cetim, enquanto nós nove — integrantes do grupo principal de trainees de K-pop da DB Entertainment — aguardamos a avaliação da nossa simulação de entrevista.

— Quero ver um pouco mais de energia na semana que vem. Não se esqueçam de que, na DB, a única diferença entre uma trainee e uma estrela de K-pop é quanto você quer isso! Eunji... — A garota encara o entrevistador com os olhos arregalados e assustados. — Quantas vezes preciso dizer isso? Sem chicletes nas entrevistas simuladas! Mais uma advertência e vou mandar você de volta para as aulas dos

iniciantes. — Eunji empalidece e abaixa a cabeça. — Sumin! Lizzie! — As duas erguem o rosto. — Mais personalidade, vocês duas! Ninguém vai pagar duzentos mil won por um show de K-pop com cantoras que usam maquiagem para esconder a falta de coisas interessantes a dizer. — Lizzie parece prestes a chorar, e um rubor vermelho-vivo, da mesma cor que os lábios, surge nas bochechas de Sumin. Por último, ele se vira para mim e diz, com uma voz quase entediada: — Rachel, já falamos sobre isso. Você é uma das melhores cantoras e dançarinas que já vimos, mas essa é só uma parte do trabalho. Se você não consegue se vender durante uma simples entrevista simulada, como pretende se apresentar diante de multidões todas as noites? Ou dar entrevistas de verdade, com plateia ao vivo? Esperamos mais de você.

Com um breve aceno de cabeça, ele deixa a sala de treinamento, tirando um cigarro do bolso da frente.

Praticamente derreto no banquinho minúsculo em que estou sentada faz uma hora, e meu sorriso desaparece enquanto massageio a perna direita para amenizar a cãibra causada pelos stiletos. Já ouvi tudo isso antes. *Se esforce mais, Rachel. Fique à vontade na frente da câmera, Rachel. Estrelas de K-pop devem ser adoráveis, eloquentes e perfeitas o tempo todo, Rachel.* Solto um grunhido de dor quando me viro para pegar meus All Stars. Mina me encara do seu banco.

— O que foi agora? — pergunto, com um suspiro.

Ela levanta a mão, mostrando as unhas com francesinhas perfeitas.

— *Oito garotas para fazer suas unhas?* Sério? Nós não somos suas empregadas, Rachel.

Ela revira os olhos. *Você deve saber bem como é isso*, penso. De todos na DB, Mina é quem provavelmente tem mais empregados. Ela é a filha mais velha de uma das famílias chaebol mais antigas e poderosas da Coreia, os Choo, também conhecida como família C-MART.

Existem milhares de lojas C-MART no país inteiro, com sua marca laranja e branca, vendendo de tudo, desde kimchi, Yakult e japchae fresco a moletons amarelo-néon com imitações de personagens da Sanrio declamando frases ridículas em konglish, tipo “sua mãe é meu hamster”. Isso significa que Mina é riquíssima, e uma enorme dor de cabeça para mim.

— Você sabe que é por sua causa que temos tantas aulas de treinamento de mídia, né?

Meu sangue ferve. É verdade. Eu sei que é verdade. Mas não estou disposta a ouvir isso de Mina.

— Você pode pelo menos tentar responder como uma estrela de K-pop e não uma garotinha embasbacada em uma festa do pijama? — debocha ela. — Ou é pedir demais da nossa pobre princesinha coreana-americana?

Fico tensa. Não é segredo que eu nasci e cresci nos Estados Unidos (em Nova York, para ser exata), mas depois dos berros do treinador de dança por causa do meu atraso de três minutos para a aula esta manhã e do meu péssimo resultado na entrevista simulada, estou sem paciência para a grosseria de Mina.

— Não lembro do entrevistador te fazer *nenhuma* pergunta pessoal, Mina. Talvez você não seja tão interessante quanto pensa.

— Ou talvez eu só não precise mais treinar.

Eu suspiro. Pulei o café da manhã, e o esforço para manter essa briguinha com Mina exige pelo menos uma refeição, de preferência duas. Dou as costas e me afasto, guardando os sapatos de salto na minha velha bolsa de couro branco.

— O quê, você acha que é boa demais para falar comigo agora? Sua eomma não lhe ensinou boas maneiras? — provoca Mina.

— O que você esperava? — pergunta Lizzie, verificando o rímel em seu espelho com monograma. Ela o fecha com um estalo e estreita

os olhos para mim. — A linda princesinha Rachel, proibida de entrar na casa dos trainees pela mamãe. Talvez seja por isso que ela acha que não temos nada melhor para fazer do que pintar as unhas umas das outras.

— Deve ser ótimo ser a favorita do sr. Noh — diz Eunji, com um suspiro exagerado. — Sabe, algumas de nós precisaram trabalhar muito para chegar aonde chegaram. Você não vê *a gente* recebendo favores do diretor da DB.

— Espero que você não se considere *algumas de nós* — retruca Sumin, se virando bruscamente para Eunji. — Não me lembro da última vez que vi você suar para conseguir alguma coisa.

— Falando em suor, é melhor se refrescar um pouco, querida — comenta Eunji, desenhando um círculo em volta do próprio rosto com o dedo. — Você está um pouco... brilhante.

— Bom, o seu nariz está um pouco falso — rebate Sumin.

— Vocês duas estão me dando dor de cabeça! — choraminga Lizzie para Mina. — Sunbae, mande elas ficarem quietas!

Mina sorri.

— Claro, Lizzie, querida. Por que não ligamos a câmera de novo? Elas vão se calar na hora! Ah, espera... Isso só funciona com a Rachel!

As garotas soltam risinhos, e meu rosto queima de raiva e vergonha. Eu deveria responder, mas não faço nada. Eu nunca respondo. Gosto de fingir que é porque estou seguindo os conselhos da minha mãe — sabe, seja melhor do que elas, sempre mantenha a compostura, nunca demonstre fraqueza, os mantras de feministas fortes do mundo inteiro —, mas o nó enorme que reaparece na minha garganta deixa claro que é mentira. Termino de amarrar os tênis e me ponho de pé.

— Com licença — digo, saindo da sala.

— Ah, pode ir — responde Mina, inocentemente.

Pelo canto do olho, vejo ela se aproximar das outras garotas, sussurrando sem parar, e sorrisos maliciosos surgem no rosto de todas.

* * *

O campus de treinamento da DB Entertainment é exatamente como as estrelas de K-pop que saem de lá: impecável, brilhante, impossível de tirar os olhos. É uma propriedade de luxo no coração de Cheongdam-dong, a capital do K-pop. No verão, trainees se reúnem para fazer ioga e pilates no jardim do terraço, disputando os cobiçados lugares à sombra para evitar qualquer dano solar na pele. Do lado de dentro, fontes gigantescas com água mineral vinda direto de Seoraksan decoram os saguões de teca e mármore. Os executivos da DB dizem que as fontes estão lá para nos ajudar a obter paz interior e alcançar nosso potencial — mas todo mundo sabe que isso é uma piada. Não existe a menor chance de se encontrar paz interior aqui.

Ainda mais com o anuário nos encarando todos os dias.

O anuário (batizado dessa forma porque a maioria dos trainees nunca terá um anuário do ensino médio de verdade) é como chamamos as paredes ao redor da fonte no hall da ala principal, cobertas por fotos emolduradas de cada estrela de K-pop que estreou do programa de trainees da DB. Os sorrisos perfeitos e o cabelo brilhante servem de lembrete para nós, meros trainees, do que aspiramos nos tornar enquanto corremos de uma aula para outra. E bem no centro da parede — o lugar onde todos sonhamos estar um dia — fica uma placa dourada com o nome de todos os artistas solo ou grupos da DB que estrearam uma música no primeiro lugar das paradas de Seul.

Quando chego ali, paro e olho a placa, meus olhos se embaçando diante dos nomes que memorizei anos atrás. Pyo Yeri, Kwon

YoonWoo, Lee Jiyoung... E o mais recente, NEXT BOYZ. Sinto um aperto no peito — aquela combinação de estresse, pânico e desidratação que os trainees conhecem tão bem — ao lembrar do meu desempenho desastroso na entrevista. Fazendo uma careta, aperto o passo, correndo em direção às salas de treino individuais do lado oeste do prédio.

O corredor é repleto de brinquedos e acessórios aleatórios usados pelas maiores estrelas em shows pelo mundo inteiro. Metade da parafernália tem as insígnias da Electric Flower e de Kang Jina (uma figura lendária da placa dourada e a líder do melhor grupo feminino de K-Pop dos últimos anos). Elas estrearam no primeiro lugar das paradas e nunca mais saíram de lá. Quando entrei na DB, eu idolatrava aquelas meninas, especialmente Jina. Eu as admiro ainda mais agora, sabendo pelo que tiveram que passar para chegar aonde estão. Mas às vezes me pergunto sobre as meninas que ficaram para trás. As que não entraram no grupo.

Será que eu serei uma das que estarão no topo, ou uma das que passam despercebidas?

Ouçõ uma batida reverberar pelo corredor. Espio uma das salas, onde uma trainee do segundo ano está praticando a coreografia icônica de “Don’t Give Up on Love”, da Blue Pearl. Ela erra o movimento lateral dos braços, então suspira, frustrada, e se arrasta até o painel dos alto-falantes para recomençar a música. Meu corpo inteiro dói só de vê-la. Pelo suor na testa e as bochechas vermelhas, sei que ela está treinando há horas — o dia típico de uma jovem trainee. No final do corredor, encosto o dedo na tela eletrônica que determina a disponibilidade das salas de treino. Ainda está cedo, e é sábado, então estou torcendo para que tenha alguma livre para eu treinar minha dança à tarde, mas... Argh. Inacreditável. Todas as salas estão ocupadas.

Cerro os punhos e sinto meu corpo esquentar. Lizzie tem razão — eu não sou como as outras trainees, que ficam aqui vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, cantando e dançando nas salas de treino até as quatro da manhã, que dormem na casa dos trainees aqui perto, acordam e repetem tudo, todos os dias. Quando fui recrutada pela DB, minha mãe quase não me deixou vir. Isso exigiria mudar toda a nossa família de Nova York para Seul, afastar minha irmã da escola e dos amigos dela e meus pais abrirem mão dos empregos. Mais decisivo, porém, era o fato de que ela não entendia por que o K-pop significava tanto para mim, e *definitivamente* não entendia o estilo de vida dos trainees — a pressão intensa, os anos de treinamento, os escândalos de cirurgia plástica. Então, depois de três semanas implorando para minha mãe mudar de ideia, minha halmeoni morreu. Eu me lembro de como fiquei triste; de como chorei por horas com minha mãe e Leah; de como, enquanto estava viva, halmeoni se sentava comigo toda manhã durante nossas visitas e trançava meu cabelo, sussurrando contos de fadas antigos nos meus ouvidos, me dizendo com sua voz tão reconfortante como eu seria bonita, inteligente e rica quando crescesse. Minha mãe não deixou Leah e eu faltarmos aula para ir ao funeral na Coreia, e, quando ela voltou, eu praticamente já tinha desistido dessa história de trainee, mas, para a minha surpresa, eomma fez um acordo comigo: a gente se mudaria para Seul, mas eu continuaria indo para a escola durante a semana e manteria a possibilidade do ensino superior em aberto, então poderia treinar nos fins de semana (começando na noite de sexta). (Alguns anos atrás, eu perguntei por que ela tinha mudado de ideia depois que halmeoni morreu, mas tudo que recebi em resposta foi um olhar distante seguido por um tapinha na minha cabeça.)

Os executivos da DB não gostaram da proposta de eomma no início, mas por algum motivo o sr. Noh decidiu abrir uma exceção

*image
not
available*

(alerta de sarcasmo).

O auditório é um dos meus lugares favoritos no campus, com o piso brilhante de madeira clara e os lustres pseudoindustriais de ferro pendurados no teto alto. O palco se ergue imponente no centro (para representar melhor a experiência de se apresentar em um estádio, é claro), com assentos de veludo ao redor.

O sr. Noh já está no palco com os novos trainees alinhados atrás dele quando nos sentamos na primeira fileira. Olho para as crianças no palco; estão sorrindo e tremendo com a energia nervosa e animada que crianças normais sentem no primeiro dia de aula. O sr. Noh está brega como de costume, vestindo Prada dos pés à cabeça, com a mesma expressão de sempre: olhos críticos e atentos escondidos por óculos espelhados, capazes de encontrar um trainee despreparado a um quilômetro de distância. Numa tentativa falha de parecer paternal, pousa as mãos nos ombros dos novatos.

Enquanto ele fala sem parar dos desafios que esperam essa nova geração de futuras estrelas de K-pop, meu olhar passeia pelas mesas de comida arrumadas na lateral do auditório. É um banquete ocidental, com sanduíches de figo e *prosciutto*, donuts de água de rosas e pratos de frutas cheios de mangas e lichias frescas. Um grupinho de executivos da DB, assim como treinadores sêniores, já estacionou perto das mesas do bufê, devorando a comida. Reconheço um cabelo rosa-néon entre eles e aceno para Chung Yujin, a treinadora-chefe da DB. Foi ela que me descobriu enquanto eu cantava “Style” em um noraebang em Myeong-dong. Eu tinha onze anos e estava com Leah visitando nossa halmeoni em Seul durante as férias de verão. Estou com dezessete anos agora, e Yujin ainda é a pessoa na DB que mais admiro — ela é minha mentora, minha unnie. Mas Akari é a única pessoa que conhece nossa história, a única que sabe como somos próximas. Yujin sempre diz que minha vida de trainee de K-pop já é

— Tudo bem aí? A situação pareceu... tensa.

Dou um sorrisinho forçado.

— Tudo bem. Não precisa se preocupar — digo, ignorando sua sobancelha erguida e pegando um prato.

Distraída, estendo a mão para um sanduíche, decidida a afogar em comida a sensação de vergonha que não para de crescer no meu estômago, mas Akari detém minha mão e balança a cabeça.

— Pepino — avisa ela, apontando para a plaquinha.

— Eca. — Eu estremeço, colocando um misto-quente de bacon e queijo no prato. — Valeu. Você acaba de salvar minha vida.

— É para isso que servem as amigas. — Ela sorri. — Além do mais, não quero uma reprise da catástrofe do pepino de 2017. Ainda tenho pesadelos com você vomitando no refeitório inteiro depois de uma garfada minúscula de salada de pepino.

— A culpa não foi minha! Pepino é tipo o jogging do mundo vegetal. As pessoas fingem gostar só porque teoricamente é saudável, mas na verdade é só horrível. Deixa um gosto horrível na boca. Pepinos deveriam ser ilegais!

— Foi mal, mas acho que pepino tecnicamente é uma fruta — diz Akari com uma risada, e joga um guardanapo amassado nela.

Se você entrar em qualquer aula de trainees de K-pop, vai encontrar alguns dos adolescentes mais talentosos do mundo — dançarinos excelentes, cantores impecáveis e, é claro, fofoqueiros de primeira.

— Ouvi dizer que ele pintou o cabelo de laranja — comenta Eunji.

— Não só de laranja, mas exatamente do *mesmo* tom personalizado do Romeo do BigM\$ney — diz um trainee de calças prateadas do primeiro ano, com voz de quem mal saiu da puberdade.

Parece que a aula começou.

Todas as fofocas, é claro, giram em torno de uma única pessoa:

trainees sêniores. Vocês deveriam considerar essa sessão de canto noturna uma prioridade. — Os olhos dele encontram os meus, e eu me vejo no reflexo dos seus óculos. — Especialmente para quem quer estrear em breve.

Sinto o estômago arder, mas não cedo. Sinto a expressão arrogante de Mina ardendo na lateral do meu rosto, mas só tomo outro gole de Milkis e sorrio.

— Pode contar comigo — digo.

O sr. Noh assente, satisfeito, e ergo a latinha para ele como se estivesse fazendo um brinde. *À família e a estar totalmente ferrada.*

— Mal posso esperar — completo.

cabeça e dá um sorrisinho.

— Eu amo a academia, mas amo mais você, Leah e Emma. Vocês três são o que importa agora, e um diploma de Direito vai nos dar alguma estabilidade financeira. Mas eu não quero decepcioná-las. Principalmente Leah. Ela só tem doze... treze!... anos, e você sabe como ela fica animada com tudo. Vamos só esperar mais um pouco para ver se eu tenho alguma chance de me dar bem nisso.

Concordo, compreensiva. A ideia de decepcionar minha família, que abriu mão de tanta coisa para que eu pudesse treinar na DB e ser famosa, me apavora. Mas é por isso que para mim não é uma questão de “se” vou alcançar meus sonhos, e sim uma questão de “quando”. Para mim não existe outra opção além de ser bem-sucedida.

— Chega de papo de velho — diz appa, tentando manter a voz animada. — Vai se divertir com as suas amigas.

Agora Akari está segurando o saco de boxe para as gêmeas, que se alternam nos ataques. Cho Hyeri e Cho Juhyun são minhas melhores amigas na Escola Internacional de Seul desde o primeiro dia do quarto ano, quando o diretor as nomeou minhas guias oficiais. Eu estava tão nervosa a respeito do que as pessoas iam pensar sobre o meu programa de K-pop — será que me achariam estranha? Ou mimada? Ou talvez quisessem que eu fizesse uma reverência para elas, como Mina? —, mas Hyeri e Juhyun nem esquentaram a cabeça, pegaram minha mão antes que eu conseguisse dizer qualquer coisa e me levaram para todos os cantos da escola. Estavam mais interessadas nos adesivos com glitter que eu havia costurado nos meus All Stars e em como tinha sido crescer tão perto das lojas chiques do SoHo e das tendas da Semana de Moda no Bryant Park — não que eu tivesse muito o que dizer sobre isso. As duas eram altas e magras, com maçãs do rosto pronunciadas e cabelo castanho brilhoso que caía em ondas naturais (segundo elas) pelos ombros. As duas poderiam ser modelos

e desenrola a faixa das mãos, revelando as unhas pintadas em um intrincado padrão floral rosa-claro e azul-marinho. — Agora vai mostrar para aquela vaca quem manda.

* * *

Aperto o botão do décimo oitavo andar, ansiosa para chegar em casa e tomar um banho depois que appa convenceu Akari e eu a entrarmos no ringue e lutar com ele por meia hora.

A primeira coisa que ouço ao entrar no apartamento é uma música de K-pop, seguida pela risada de Leah e de um grupo de meninas. Calço meus chinelos e vou para a sala, onde Leah está esparramada no chão com quatro colegas da escola, vendo o novo vídeo da Electric Flower no celular. Reconheço-o imediatamente: a lendária Kang Jina com o resto do grupo, todas dançando em macacões laranja brilhantes, se destacando com o fundo preto. É o vídeo que viralizou mais rápido na história da DB, passando de trinta e seis milhões de visualizações em menos de vinte e quatro horas. Leah fica de pé, segurando uma escova de cabelo como se fosse um microfone, e grita a letra, acompanhando cada nota da poderosa voz de soprano de Jina. Não consigo conter um sorriso. A menina tem talento.

Ao me ver, uma das amigas, com rosto em formato de coração e brincos de diamantes da Hello Kitty, cutuca Leah com o pé.

— Sua unnie chegou — avisa, me indicando com a cabeça.

Leah gira e estende a escova de cabelo para mim.

— É com você, unnie!

Faço um movimento desanimado para pegar a escova, mas a música logo termina, deixando um silêncio sem graça na sala.

— Que pena — diz a menina com rosto de coração. — A gente poderia ter visto a performance de uma trainee de K-pop de verdade.

não vai me deixar ir de jeito nenhum.

— Ah, é verdade — concorda Leah, escondendo o rosto nas mãos.

Penso na minha conversa com Juhyun.

— É claro — prossigo, determinada — que eu poderia sair escondida...?

Leah dá um gritinho.

— Eu ajudo com o seu plano de fuga! Já até pensei em como vai ser!

Estreito os olhos.

— Espero que não envolva sair pela janela do décimo oitavo andar e escalar a parede do nosso prédio.

Minha irmã mais nova é conhecida na família pela sua obsessão com o The Rock.

— Certo, então vou pensar em um plano B. — Seus olhos brilham.

— Contanto que você me arrume um autógrafo do Jason Lee. Você sabe que ele é o meu *Ultimate Bias*!

— Como você quer que ele assine? “Para Leah Kim, minha querida futura esposa”?

Ela grita de novo, se jogando no sofá e balançando as pernas no ar, animada.

— Eu ia morrer! Não, primeiro eu ia emoldurar. *Aí* eu ia morrer.

— Ela se senta de novo e agarra minhas mãos. — Promete que você vai enterrar o autógrafo junto comigo.

Dou risada.

Ouvimos a porta se abrir e eomma nos chamar. Leah e eu nos entreolhamos. Entrelaçamos nossos mindinhos, depois nos inclinamos para beijar os punhos e tocar as bochechas, completando nosso aperto de mão especial das irmãs Kim, criado anos atrás.

Eomma entra na sala, carregando uma sacola cheia de comida do Two Two Fried Chicken. Jantar. Eomma é professora de linguística

— Só estou sugerindo que talvez você devesse manter suas opções em aberto. — Ela mexe em um pedaço de agrião apimentado no prato. — Você nunca sabe o que te espera no futuro, Rachel. E se as coisas não derem certo no treinamento... Não quero que você seja pega de surpresa.

Meus olhos se enchem de lágrimas, e pisco com força, me recusando a deixá-las cair. Mesmo depois de seis anos, a atitude da minha mãe em relação ao treinamento ainda me afeta. Às vezes me pergunto se ela se arrepende de ter se mudado para Seul, se preferiria ter vendido o apartamento da halmeoni e lavado as mãos de tudo aquilo. Ou se ela sequer acredita no meu talento. Mordo o lábio, a ponto de pedir licença do jantar, quando Leah se intromete, ficando de joelhos ao se virar para eomma.

— Aliás, que coincidência você mencionar o seminário, eomma — comenta. — As gêmeas Cho estão fazendo uma sessão de estudo preparatória para a faculdade esse fim de semana. Até contrataram um tutor e vão estudar até tarde. Acho que chamaram de “festa do pijama estudiosa”, né, unnie? — Ela sorri inocentemente para a nossa mãe.

Eu levanto a cabeça. *É agora ou nunca, Rachel.*

— Isso mesmo — digo, devagar.

— Como você sabe disso? — pergunta eomma para Leah, erguendo as sobrancelhas.

— Ouvi Rachel falando com Hyeri no telefone — responde Leah, mentindo com facilidade.

Eu me concentro em mastigar, tentando manter uma expressão neutra. Senhoras e senhores, eis a minha irmã, futura ganhadora do Oscar.

Eomma se volta para mim.

— Por que você não me contou, Rachel? É disso que você precisa para ir pelo caminho certo.